

## UM

O meu pai costumava dizer que a melhor forma de aprender uma profissão é passar todos os segundos a ver alguém exercê-la.

«Para chegares ao topo, tens de começar por baixo», disse-me ele. «Torna-te a pessoa sem a qual o CEO não consegue viver. Sê o seu braço-direito. Aprende tudo sobre o seu mundo, e ele contrata-te mal termines o curso.»

Tornei-me indispensável. E tornei-me sem dúvida o braço-direito. Acontece que, neste caso, eu era o braço-direito que tinha quase sempre vontade de esbofetear o raio da cara.

O meu chefe, o senhor Bennet Ryan, um cretino irresistível.

Eu sentia um aperto no estômago só de pensar nele: alto, bonito e totalmente perverso. Era o idiota mais arrogante e mais convencido que eu jamais conhecera. Ouvia as outras mulheres do escritório cochicharem sobre as suas escapadelas e ficava a pensar se tudo o que era preciso era um palminho de cara.

Mas o meu pai também dizia: «Apercebes-te cedo na vida de que a beleza é superficial, enquanto o que é feio vai até ao osso.» Eu tivera a minha dose de homens desagradáveis nos últimos anos, namorara com alguns no liceu e na faculdade. Mas este bateu tudo.

– Olá, menina Mills! – O senhor Ryan ficou de pé à entrada do meu gabinete, que servia de antecâmara do dele. Tinha a voz melada, mas de uma doçura estranha... como mel congelado que começa a rachar.

Depois de ter entornado água no meu telemóvel, deixado cair os brincos no caixote do lixo, terem batido na traseira do meu carro na autoestrada e esperado pela chegada da polícia para nos dizer o que ambos sabíamos – que a culpa era do outro tipo –, o que eu menos precisava era de um senhor Ryan de mau humor.

Infelizmente para mim, esse era o seu único tipo de humor.

– Bom dia, senhor Ryan – retorqui como de costume, esperando que ele me respondesse com o seu aceno seco habitual.

Mas quando tentei passar por ele murmurou:

– De certeza? Não será boa tarde, menina Mills? Que horas são no seu pequeno mundo?

Parei e fixei-me no seu olhar gelado. Era uns bons vinte centímetros mais alto do que eu, e antes de trabalhar para ele nunca me tinha sentido tão baixa. Havia seis anos que eu trabalhava na Ryan Media Group. Mas desde que ele voltara para o negócio da família, havia nove meses, comecei a usar saltos quase da altura dos que se veem no circo só para poder olhá-lo ao nível dos olhos. Mesmo assim, continuava a ter de inclinar a minha cabeça a fim de olhar para cima, o que claramente lhe dava uma certa satisfação, que ficava patente nos seus olhos cor de avelã.

– Tive uma manhã um pouco desastrosa. Não voltará a acontecer – disse eu, aliviada por a minha voz ter saído firme. Nunca antes chegara atrasada, nem uma só vez, mas ele tinha de fazer uma cena logo no primeiro dia em que isso sucedia. Consegui passar por ele, guardar a minha carteira e o casaco no armário e ligar o computador. Tentei agir como se ele não estivesse perto da porta, a observar cada movimento que eu fazia.

– «Manhã desastrosa» é uma boa descrição para o que tive de passar na sua ausência. Falei com Alex Schaffer pessoalmente para atenuar o facto de ele não ter recebido os contratos assinados na altura combinada: nove da manhã, horas da Costa Leste. Tive

de ligar a Madeline Beaumont pessoalmente para a informar de que iríamos, de facto, avançar com a proposta como ficara acertado. Por outras palavras, esta manhã, fiz o meu trabalho e o meu. De certeza que mesmo com uma «manhã desastrosa» consegue chegar às oito. Há quem se levante e comece a trabalhar antes da hora do *brunch*.

Levantei a cabeça a fim de olhar para ele, enquanto me hostilizava, com os olhos fixos e os braços cruzados por cima do peito largo – e tudo isso porque eu chegara uma hora atrasada. Desviei o olhar para não ver a forma como o seu fato escuro e de bom corte lhe assentava nos ombros. Eu caíra no erro de ir até ao ginásio do hotel durante uma convenção no primeiro mês em que trabalhámos juntos e encontrara-o suado, em tronco nu, ao pé da passadeira. Qualquer modelo daria tudo para ter o seu rosto, e o seu cabelo era o mais incrível que eu já vira num homem. Cabelo de queca acabada de dar. Era assim que as miúdas do andar de baixo falavam do cabelo dele e, segundo diziam, era um título bem merecido. A imagem dele a secar o peito com uma *T-shirt* ficou gravada para sempre na minha memória.

Claro que ele tinha de estragar tudo ao abrir a boca:

– É bom ver que finalmente se interessa pela sua boa forma física, menina Mills.

Parvalhão.

– Peço desculpa, senhor Ryan – disse-lhe, de forma um pouco mordaz. – Compreendo todo o fardo que coloquei em cima de si obrigando-o a usar uma máquina de fax e a atender um telefone. Como já referi, não se repetirá.

– Tem razão. Não se repetirá mesmo – respondeu, com um sorriso arrogante e firme.

Se conseguisse manter a boca fechada, seria perfeito. Um pouco de fita adesiva resolveria o assunto. Eu tinha um bocado na minha secretária e por vezes pegava nela e acariciava-a, na esperança de um dia lhe dar bom uso.

– E para não deixar que este incidente lhe escape da memória, gostaria de ver os relatórios sobre o ponto de situação dos projetos

Schaffer, Colton e Beaumont na minha secretária até às cinco. Depois, às seis, vai compensar a hora perdida esta manhã com uma simulação para mim de apresentação da conta da Papadakis, na sala de conferências. Para gerir essa conta, terá de me provar que sabe que raio está a fazer.

Os meus olhos arregalaram-se enquanto o via a afastar-se e a bater com a porta do seu gabinete. Ele sabia muito bem que eu estava numa fase inicial do projeto, que seria também a tese do meu mestrado. Teria meses para concluir os meus *slides* depois de os contratos terem sido assinados... o que ainda não acontecera – ainda nem estavam completamente delineados. Agora, com tudo o resto que eu tinha para fazer, queria que eu preparasse uma simulação de apresentação em... olhei para o relógio. Fantástico, sete horas e meia, se saltasse o almoço. Abri o ficheiro Papadakis e comecei a trabalhar.

Enquanto todos saíam para almoçar, fiquei colada à secretária com o meu café e um pacote de frutos secos que comprei na máquina de venda automática. Normalmente, trazia comida de casa ou saía para almoçar com outros estagiários, mas hoje o tempo não corria a meu favor. Ouvi a porta do escritório abrir-se e olhei para cima, a sorrir, enquanto a Sara Dillon entrava. Sara estava no mesmo programa de estágio para mestrado da Ryan Media Group que eu, mas trabalhava na área da contabilidade.

– Pronta para almoçar? – perguntou.

– Não vou poder ir. Está a ser um dia infernal. – Olhei para ela como se pedisse desculpa, e ela fez um sorriso malicioso.

– Dia infernal, ou *chefe* infernal? – sentou-se na ponta da minha secretária. – Ouvi dizer que estava muito agitado esta manhã.

Respondi com um olhar afirmativo. Sara não trabalhava com ele, mas sabia tudo sobre Bennett Ryan. Como filho mais novo do fundador da empresa, Elliot Ryan, e conhecido por ferver em pouca água, era uma lenda viva no edifício.

– Mesmo que existissem duas de mim, não seria capaz de terminar tudo a tempo.

– Tens a certeza de que não queres que te traga alguma coisa? – Os seus olhos moveram-se na direção do escritório dele. – Um assassino contratado? Um pouco de água benta?

Ri-me.

– Estou bem.

Sara sorriu e saiu do escritório. Acabara de beber o meu café quando me inclinei e notei que tinha uma malha nas meias.

– Ainda para mais – comecei a dizer quando ouvi a Sara voltar –, rasguei estas. Afinal, se fores a algum sítio que venda chocolate, traz-me uns vinte quilos para poder mais tarde afogar as minhas mágoas.

Olhei para cima e vi que não era a Sara quem estava ali de pé. Corei e puxei a saia para baixo.

– Peço desculpa, senhor Ryan, eu...

– Menina Mills, uma vez que tem tempo de comentar questões de *lingerie* com as outras secretárias, além de preparar a apresentação Papadakis, preciso que vá até ao gabinete do Willis e traga as análises de mercado e segmentação da Beaumont – disse. Ajeitou a gravata, a olhar para o seu reflexo na minha janela. – Acha que consegue dar conta do recado?

Ele acabara de me chamar «secretária»? Claro que fazia parte do meu estágio realizar com alguma frequência tarefas de assistente, mas ele sabia perfeitamente que eu trabalhara naquela empresa durante vários anos antes de receber uma bolsa da JT Miller para a Universidade Northwestern. Faltavam-me quatro meses para ter o meu diploma na área de gestão de empresas. *Ter o meu diploma e sair daqui de uma vez por todas*, pensei.

Olhei para cima, para encontrar os seus olhos incendiados.

– Posso perguntar à Sam se ela...

– Não era uma sugestão – interrompeu-me – Quero que vá buscá-las. Fitou-me por instantes, com o queixo cerrado, antes de dar meia volta e entrar no seu gabinete, batendo a porta com brusquidão.

*Mas afinal qual era a dele?* Era mesmo preciso andar a bater portas como um adolescente? Peguei no meu *blazer*, que estava nas

costas da cadeira, e dirigi-me à filial do escritório, alguns prédios abaixo. Quando voltei, bati à sua porta, mas ninguém respondeu. Tentei a maçaneta. Trancada. Estaria provavelmente a dar uma rapidinha com alguma princesa da administração, enquanto eu andava às voltas em Chicago como uma doida. Enfiei a pasta de arquivo em papel pardo pela ranhura do correio, esperando que a papelada se espalhasse por todo o lado e ele tivesse de se baixar para apanhar tudo. Seria bem merecido. Gostei bastante da imagem dele de joelhos a apanhar os documentos. No entanto, conhecendo-o como o conhecia, chamar-me-ia para ir até àquele buraco estéril limpar tudo, enquanto ele assistia.

Quatro horas mais tarde, eu já tinha atualizado as contas, os meus *slides* estavam praticamente ordenados, e quase me ria, histérica, por o dia ter sido tão horrível. Dei por mim a planear o homicídio sangrento do rapaz das fotocópias. Um trabalho simples. Fazer umas cópias, encadernar umas coisas. Não tinha nada que saber. Entrar e sair. Mas não. Levou *duas horas*.

Corri pelo corredor escuro do edifício agora vazio, com o material da apresentação a dançar nos meus braços, e olhei para o relógio. Seis e vinte. O senhor Ryan ia comer-me viva. Estava vinte minutos atrasada. Tal como eu tivera oportunidade de verificar de manhã, ele não tolerava atrasos. A palavra «atraso» não constava no *Dicionário para Imbecis de Bennett Ryan*. Assim como «coração», «gentileza», «compaixão», «intervalo para almoço» ou «obrigado».

Então, ali ia eu a correr pelos corredores vazios em cima dos meus saltos altíssimos, em direção ao carrasco.

*Respira, Chloe. Ele pode sentir o cheiro do medo.*

Ao aproximar-me da sala de conferências, tentei respirar mais calmamente e abrandei o passo. Uma luz suave brilhava debaixo da porta. Ele estava mesmo lá dentro, à minha espera. Com cuidado, tentei ajeitar o cabelo e a roupa enquanto alinhava a pilha de documentos nos meus braços. Respirei fundo e bati.

– Entre.

Entrei no espaço iluminado por uma luz quente. A sala de conferências era enorme; numa parede havia janelas que iam do

chão ao teto e proporcionavam uma vista maravilhosa da cidade de Chicago, a partir do décimo oitavo piso. Lá fora, o céu escurecia e os arranha-céus pintavam o horizonte com as suas janelas iluminadas. No centro da sala encontrava-se uma mesa de madeira enorme e pesada, e a olhar para mim, a partir da cabeceira da mesa, estava o senhor Ryan.

Sentara-se ali, com o casaco do fato pendurado nas costas da cadeira, a gravata desapertada, as mangas da camisa branca arregaçadas até aos cotovelos, o queixo apoiado na ponta dos dedos. Os seus olhos pareciam furar os meus, mas não disse nada.

– Peço desculpa, senhor Ryan – disse eu, com a voz a tremer devido à falta de fôlego que ainda sentia. – O trabalho de impressão demorou... – parei. Desculpas não serviriam de nada. Além disso, não o deixaria culpar-me de uma coisa sobre a qual eu não tinha qualquer controlo. Ele que se lixasse. Com a minha coragem reencontrada, levantei o queixo e aproximei-me dele.

Sem o encarar, arrumei os meus papéis e pus uma cópia da apresentação na mesa.

– Posso começar?

Não respondeu, observando a minha ousadia com um olhar penetrante. Tudo seria bem mais fácil se ele não fosse tão atraente. Em vez de falar, fez um gesto em direção aos papéis que estavam à sua frente, indicando-me que continuasse.

Aclarei a voz e iniciei a apresentação. Enquanto eu avançava nos diferentes aspetos da proposta, ele ficou em silêncio, a olhar fixamente para a sua cópia. Porque estava tão calmo? Com as suas birras, eu sabia lidar. Mas aquele silêncio estranho? Era perturbante.

Estava inclinada sobre a mesa, a apontar para um conjunto de gráficos quando aconteceu.

– O calendário deles para a primeira fase é um pouco ambi... – Parei a meio da frase, com a respiração presa na garganta. A sua mão pressionou ligeiramente a parte de baixo das minhas costas antes de deslizar mais para baixo, parando na curva do meu rabo. Nos nove meses que trabalháramos juntos ele nunca me tocara intencionalmente.

Mas aquilo fora seguramente intencional.

O calor da sua mão queimava através da minha saia e na minha pele. Os músculos do meu corpo ficaram tensos e senti que as minhas entranhas se liquidificavam. Mas que raio estava ele a fazer? O meu cérebro gritou para que eu tirasse a sua mão dali e lhe dissesse que nunca mais voltasse a tocar-me, mas o meu corpo tinha outras ideias. Os meus mamilos endureceram e respondi cerrando os dentes. *Mamilos traidores.*

Enquanto o meu coração batia forte no peito, passou pelo menos meio minuto, e nenhum disse nada quando a mão dele desceu até à minha coxa, acariciando-a. A nossa respiração e o barulho abafado da cidade lá em baixo eram os únicos sons no ar calmo da sala de conferências.

– Vire-se, menina Mills. – A sua voz calma quebrou o silêncio e eu endireitei as costas, sempre a olhar em frente. Voltei-me devagar, ao mesmo tempo que a mão dele deslizava pelo meu corpo até à anca. Podia sentir a forma como a sua mão se estendia desde a ponta dos dedos na parte mais baixa das minhas costas até onde o seu polegar tocava a pele suave da minha anca. Olhei para baixo, para ver os seus olhos, que me fitavam intensamente.

Podia ver o seu peito subir e descer, cada respiração mais profunda do que a anterior. Um músculo contraiu-se no seu queixo definido e o seu polegar começou a mover-se, a deslizar devagar de um lado para o outro, sem que os seus olhos se desviassem dos meus. Estava à espera que eu o travasse; tive muito tempo para o afastar, ou simplesmente dar meia volta e sair. Mas eu tinha demasiadas sensações para resolver antes de reagir. Jamais me sentira assim e nunca esperei sentir-me assim em relação a ele. Quis esbofeteá-lo, e depois puxá-lo pela camisa e lambe-lhe o pescoço.

– Em que está a pensar? – sussurrou, com um olhar de gozo e ao mesmo tempo ansioso.

– Estou a tentar descobrir.

Com os olhos ainda presos aos meus, começou a deslizar a mão. Os seus dedos percorreram a minha coxa até à bainha da saia. Levantou-a para descobrir com a ponta dos dedos a fita do



meu cinto de ligas, a renda da meia. Um dedo médio deslizou por dentro do tecido fino e puxou-o ligeiramente para baixo. Respirei fundo, sentindo de repente que estava a derreter por dentro.

Como podia deixar o meu corpo reagir assim? Ainda queria esbofeteá-lo, mas agora, mais do que isso, queria que ele continuasse. Um desejo doloroso crescia entre as minhas pernas. Ele chegou à parte de cima das minhas cuecas e introduziu os dedos por baixo do tecido. Senti-o deslizar na minha pele e roçar no meu clítoris antes de enfiar o dedo dentro de mim. Mordi o lábio ao tentar, sem êxito, abafar o meu gemido. Quando olhei para ele, vi que algumas gotas de suor se formavam na sua testa.

– Foda-se – rosnou silenciosamente. – Está molhada. – Os seus olhos fecharam-se e parecia travar a mesma batalha interna que eu. Olhei para o seu colo e vi a pressão que fazia contra o tecido suave das calças. Sem abrir os olhos, retirou o dedo e agarrou a renda fina das minhas cuecas. Tremia e ergueu a cabeça para olhar para mim, com uma expressão furiosa. Puxou-as num movimento rápido, e o rasgar do tecido ressoou no silêncio.

Puxou-me pelas ancas bruscamente, colocando-me na mesa fria e abrindo as minhas pernas à sua frente. Soltei um gemido involuntário quando senti de novo os seus dedos a deslizarem entre as minhas pernas e a penetrarem-me. Desprezava aquele homem com todas as minhas forças, mas o meu corpo traía-me; ansiava por mais do que o que ele me estava a fazer. Era mesmo bom naquilo. Os seus não eram os toques suaves e carinhosos a que me habituara. Encontrava-se ali um homem acostumado a conseguir o que queria, e naquele preciso momento o que ele queria era a mim. A minha cabeça inclinou-se para o lado quando me apoiei nos cotovelos, ao sentir o meu orgasmo iminente aproximar-se a grande velocidade.

Para meu grande horror, deixei sair, em tom de súplica, um «por favor».

Ele parou de se mexer, retirando os dedos e mantendo o punho fechado à sua frente. Sentei-me, agarrei na sua gravata de seda e pressionei com força a sua boca contra a minha. Os seus lábios

sabiam tão bem quanto deixavam adivinhar: firmes e suaves. Nunca fora beijada por alguém que conhecia claramente cada ângulo e recanto e movimento provocante capaz de me levar à loucura quase completa.

Mordi o seu lábio inferior enquanto as minhas mãos se dirigiam rapidamente para a parte de cima das suas calças, pronta a livrar o seu cinto das presilhas.

– É bom que esteja preparado para terminar o que começou.

Soltou um som zangado que vinha do fundo da garganta e agarrou na minha blusa, rasgando-a e fazendo com que os botões prateados se espalhassem pela mesa de conferências. Depois, percorreu as minhas costas e os meus seios com as mãos, puxando os meus mamilos duros com os polegares, e mantendo o tempo todo o olhar sombrio fixo na minha expressão. As suas mãos eram grandes e tão ásperas que quase me magoava, mas, em vez de recuar ou afastá-lo, puxei-lhe a palma das mãos, querendo mais e com mais força.

Ele rosnou enquanto me apertava ainda mais com os dedos. Ocorreu-me que poderia ficar muito dorida e, por um momento doentio, desejei ficar. Queria guardar uma forma de recordar aquela sensação de ter a certeza absoluta do que o meu corpo desejava, completamente solta.

Inclinou-se o suficiente para me morder o ombro e sussurrou:

– Gosta de provocar.

Incapaz de me aproximar o suficiente, apressei-me a desapertar-lhe o fecho e puxei-lhe as calças e os *boxers* até ao chão. Em seguida, apertei com força o seu pênis, que senti pulsar na palma da minha mão.

A forma como soprou o meu *apelido* – «Mills» – deve ter-me provocado um ataque de fúria, mas eu só sentia uma coisa: um desejo puro, completo. Puxou-me a saia até à cintura e empurrou-me para trás, sobre a mesa de conferências. Antes que eu pudesse pronunciar uma palavra, segurou os meus tornozelos, agarrou no próprio pênis e deu um passo para a frente, penetrando-me profundamente.

Não fiquei sequer horrorizada com o forte gemido que soltei – era melhor do que tudo.

– O que é isso? – sussurrou entre os dentes cerrados enquanto as suas ancas batiam nas minhas coxas, num movimento que o levava até bem fundo.

– Nunca a foderam assim antes, pois não? Não seria tão provocadora se tivesse sido fodida como deve ser.

Quem pensava ele que era? E por que raio me excitava tanto o facto de ele estar certo? Nunca fizera sexo noutra sítio que não uma cama e nunca me sentira assim.

– Já tive melhor – provoquei.

Ele riu-se. Um riso de gozo abafado.

– Olhe para mim.

– Não.

Saiu de dentro de mim no momento em que eu estava prestes a vir-me. No início, pensei que ia mesmo deixar-me assim, até que me agarrou pelos braços e me puxou para fora da mesa, com a língua e os lábios colados aos meus.

– Olhe para mim – repetiu.

Por fim, sem o ter dentro de mim, consegui fazer o que me pedia. Pestanejou uma vez, calmamente, com as pestanas longas e escuras a roçarem nas maçãs do rosto, e disse:

– Peça-me que a faça vir-se.

O seu tom de voz estava estranho. Era quase uma pergunta, mas as palavras eram como ele: todas retorcidas. Eu queria que ele me fizesse vir. Mais do que tudo. Mas estava muito enganado se pensava que lhe pediria o que quer que fosse.

Baixei a voz e fitei-o.

– É um imbecil, senhor Ryan.

O seu sorriso mostrou-me que conseguira de mim o que queria. Tive vontade de lhe dar uma joelhada mesmo no meio das pernas, mas se o fizesse não me daria o que eu realmente queria.

– Peça por favor, menina Mills.

– *Por favor, vá-se foder.*

O que senti a seguir foi a janela fria no meu peito, e gritei por causa da diferença de temperatura entre o vidro e a pele dele. Eu ardia; cada parte de mim queria sentir o seu toque rude.

– Pelo menos é coerente – sussurrou-me ao ouvido, antes de morder o meu ombro. Depois, deu-me pequenos pontapés nos pés.

– Abra as pernas.

Afastei as pernas e ele, sem hesitar, puxou-me as ancas para trás. E aproximou-se antes de se enfiar de novo dentro de mim.

– Gosta do frio?

– Sim.

– Sua atrevida, obscena. Gosta de se exhibir, não gosta? – murmurou, enquanto apertava a minha orelha com os dentes. – Gosta de saber que toda a cidade de Chicago pode olhar cá para cima e vê-la a ser fodida, e adora cada minuto com as suas belas maminhas espalmadas no vidro.

– Pare de falar. Estás a estragar tudo – disse eu, embora ele não estivesse a estragar nada. Bem pelo contrário. A sua voz grave deixava-me fora de mim.

Limitou-se a rir junto ao meu ouvido e deve ter notado a forma como eu estremecia com aquele som.

– Quer que a vejam vir-se?

Respondi com um gemido, incapaz de articular palavras com as estocadas dentro de mim a pressionarem-me cada vez mais contra o vidro.

– Diga. Gostava de se vir, menina Mills? Responda-me ou paro e faço-a chupar-me – sussurrou, entrando cada vez mais fundo em mim, a cada estocada.

A parte de mim que o odiava dissolvia-se como açúcar na língua e a que queria tudo o que ele tinha para dar aumentava, ardente e exigente.

– Diga-me – inclinou-se para a frente, chupou a minha orelha e, depois, mordeu-a sem hesitar. – Prometo que a farei vir-se.

– Por favor – disse, e fechei os olhos para me desligar do resto e senti-lo apenas a ele. – Sim, por favor.

Ele estendeu a mão, movendo a ponta dos dedos no meu clitóris com a pressão perfeita, o ritmo perfeito. Conseguia sentir o seu sorriso encostado à minha nuca e, quando abriu a boca e pressionou os dentes na minha pele, vim-me. Um calor espalhou-se pela minha coluna, à volta das minhas ancas e entre as minhas pernas, levando-me de volta para ele. As minhas mãos bateram na janela, enquanto todo o meu corpo tremia devido ao orgasmo que me percorria e me deixava sem fôlego. Quando as coisas finalmente acalmaram, saiu de mim e virou-me, curvando a cabeça para me chupar o pescoço, o rosto, o lábio superior.

– Agradeça – murmurou.

Enfiei as mãos no seu cabelo e puxei-o com força, na esperança de obter uma reação, para saber se ele estava bem ou a alucinar. *O que estamos a fazer?*

Gemeu, inclinando-se para as minhas mãos. Beijou-me o pescoço de cima a baixo, enquanto pressionava a sua ereção na minha barriga.

– Agora é a sua vez de me fazer sentir bem.

Soltei uma mão, agarrei no seu pénis e comecei a masturbá-lo. Era comprido, pesado e perfeito para a palma da minha mão. Quis dizer-lho, mas nem morta o deixaria perceber como era bom. Em vez disso, desviei-me dos seus lábios e olhei para ele de forma provocante.

– Vou fazê-lo vir-se tão intensamente que se vai esquecer de que é o maior imbecil à face da Terra – disse eu, em voz baixa e por entre os dentes, escorregando pelo vidro antes de enfiar todo o seu pénis na minha boca e até o encostar à garganta. Ele ficou tenso e gemeu profundamente. Olhei para cima e vi que tinha a testa e as mãos apoiadas no vidro, os olhos cerrados. Parecia vulnerável e ficava fantástico naquele abandono.

Mas ele *não estava* vulnerável. Era o maior parvalhão do planeta e eu estava de joelhos à sua frente. Nem pensar.

Por isso, em vez de lhe dar o que ele queria, levantei-me, desci a saia e olhei-o nos olhos. Agora era mais fácil, sem ele me tocar ou me fazer sentir coisas que não devia.

Passaram-se segundos sem que um de nós desviasse o olhar.

– Mas que raio pensa que está a fazer? – rosnou. – Ponha-se de joelhos e abra a boca.

– Nem pensar.

Ajeitei a blusa e saí a rezar para que as minhas pernas trémulas não me traíssem.

Peguei na minha carteira, que se encontrava em cima da secretária, e cobri-me com o meu *blazer*, tentando desesperadamente abotoá-lo com os dedos também trémulos.

O senhor Ryan ainda não saíra da sala de conferências e eu corri para o elevador, a pedir a Deus que chegasse antes de ter de voltar a encará-lo.

Não consegui sequer pensar no que acontecera antes de sair daquele lugar. Deixara-o foder-me, dar-me o melhor orgasmo da minha vida, e depois largara-o com as calças pelos tornozelos na sala de conferências da empresa, com o pior caso de dor por abstinência que um tipo podia ter. Se esta fosse a vida de outra pessoa qualquer, estaria a felicitá-la com o maior entusiasmo. Mas infelizmente não era.

*Merda.*

As portas do elevador abriram-se e eu entrei, carreguei rapidamente no botão e fiquei a ver cada piso passar. Assim que cheguei ao rés do chão, corri pelo *hall*. Ouvei o segurança dizer qualquer coisa sobre trabalhar até tarde, mas limitei-me a acenar e continuei apressada.

A cada passo, a dor entre as minhas pernas fazia-me lembrar os acontecimentos da última hora. Quando cheguei ao carro, destranquei-o com o comando, abri a porta e deixei-me cair na segurança dos estofos de pele. Olhei-me no espelho retrovisor. *Mas que raio era aquilo?*